

Hélder Nóbrega

A CEGUIDADE DE ROSA



A CEGUIDADE DE ROSA



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
REITORA

Margareth de Fátima Formiga Diniz

VICE-REITORA

Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira



DIRETOR DO CCTA

José David Campos Fernandes

VICE-DIRETOR

Ulisses Carvalho da Silva



CONSELHO EDITORIAL

Carlos José Cartaxo

Gabriel Bechara Filho

José Francisco de Melo Neto

José David Campos Fernandes

Marcílio Fagner Onofre

EDITOR

José David Campos Fernandes

SECRETÁRIO DO CONSELHO EDITORIAL

Paulo Vieira

COORDENADOR DO LABORATÓRIO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO

COORDENADOR

Pedro Nunes Filho

HÉLDER PAULO CORDEIRO DA NÓBREGA

A CEGUIDADE DE ROSA

1ª Edição

Editora do CCTA

João Pessoa-PB

2020

COPYRIGHT BY HÉLDER NÓBREGA

CAPA : Helder Nóbrega

Projeto gráfico: José Luiz da Silva

Bibliotecária responsável: Susiquine Ricardo Silva

Ficha catalográfica elaborada na Biblioteca Setorial do CCTA da Universidade Federal da Paraíba

Nóbrega, Helder

A cegueira de Rosa / Helder Paulo Cordeiro da Nóbrega -
João Pessoa: Editora do CCTA, 2020.

Recurso digital (5.90MB)

Formato: ePDF Requisito do Sistema: Adobe Acrobat Reader

90 p.

ISBN: 978-85-9559-243-8

1. Cinema. 2. Roteiro. 3. Ficção. 4. Transcrição. 5. Processo Criativo.

CDU

Foi feito depósito legal

Todos os textos são de responsabilidades do autor.

Direitos desta edição reservados à: EDITORA DO CCTA/UEPB

Cidade Universitária – João Pessoa – Paraíba – Brasil

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

SUMÁRIO

Descrição das personagens.....	07
Sinopse.....	10
ATO I - Hilda.....	11
ATO II - LÍGIA.....	63
ATO III - Tarsila.....	73

DESCRIÇÃO DAS PERSONAGENS

ROSA CEDRO, 54 anos é uma mulher requintada, solteira por opção, professora aposentada com formação superior em Letras, lecionou durante vinte e cinco anos a disciplina de Português na maior escola de uma cidade de porte médio. Na década de 70 quando começou a ensinar enfrentou um problema causado pela intervenção militar da época que transformou a disciplina Português para Comunicação e Expressão. Sofreu com a ditadura com o desaparecimento e tortura de alguns colegas. Ao longo dos anos seu hobby era escrever, atualmente com a possibilidade de estar cegando, ocupa seu tempo revisando uma grande quantidade de poemas de sua autoria que pretende publicar em livros. Metódica, é uma mulher de temperamento forte, há muitos anos vive sozinha em sua casa própria num bairro calmo de um município do nordeste brasileiro. Percebe-se na casa que os ambientes como a sala de estar foram montados por ela transformando-se em espaços multifuncionais onde temos uma escrivaninha, estantes, sofás e uma penteadeira num mesmo cômodo.

EUTÁLIA, 31 anos é uma mulher calma, inteligente e atenciosa, solteira por vontade própria, procura em Rosa algumas respostas para sua vida. Tem um ar de mistério e segredo em suas ações e falas. Órfã e íntima da protagonista ela vê Rosa como uma segunda mãe, uma vez por semana vai visitá-la. Eutália ajuda Rosa em seus projetos por querer se tornar uma acadêmica. No contexto atual tenta solucionar o problema relacionado a possível cegueira de Rosa, revisando seus poemas. Juntas buscam encontrar conforto mútuo.

VELHA, 85 anos é um ser feminino, trata-se de uma personagem onírica aparece uma única vez a trama, mais precisamente na terceira cena do filme. Ela pode ter vários nomes próprios é uma criatura que tem uma relação simbólica com a trama. Em suas características físicas possui cabelos branco amarelados, unhas sujas e malcuidadas, veste roupas que cobrem todo o seu corpo, na cabeça um lenço, que lhe protegem do sol e das

vegetações espinhosas do sertão nordestino. Calçando sandálias de couro com meias sujas de barro. Carrega nas costas galhos secos amarrados em tiras de pano, caminha emitindo sons de animais.

Sinopse.

A Ceguidade de Rosa, é o roteiro de um média-metragem que conta a história de uma ex-professora que quando decide publicar seus contos e poemas, se depara com a possibilidade de estar ficando cega. Achando que tem pouco tempo enxergando, ROSA decide aproveitar alguns textos antigos em seus alfarrábios, passando então a revisá-los. Fazendo desse exercício uma viagem ao passado, pelos seus versos esquecidos, a personagem conta com a ajuda de uma ex-aluna, EUTÁLIA, e juntas reencontram antigas emoções, aterrorizantes fantasmas e segredos inconfessáveis adormecidos em suas psiquês.

ATO I - HILDA

1 INT. SALA DE ESTAR - DIA

Plano detalhe nos olhos de ROSA (54 anos) refletidos em um metal.

Outras partes do seu rosto aparecem nos reflexos de outros metais que aos poucos revelam-se ser facas de cortes.

As partes do rosto são a boca, o nariz, o queixo e a testa.

Os metais são facas peixeira que juntas, presas numa moldura, formam um espelho vazado.

Inicialmente em plongée acontece um plano sequência com a câmera na mão que segue passeando pela parte da frente da personagem, de cima para baixo, onde vemos em detalhes seu corpo dentro de um vestido de tom pastel esverdeado: os seios, os quadris, as coxas e por último os pés.

A câmera ainda na mão contorna seus pés, e por

trás da personagem vai subindo passando dos pés para o banco de madeira onde ela está sentada.

Aparece seus quadris e ao vermos o início das costas a câmera vai se afastando da personagem na medida que segue subindo até a altura de seus ombros.

Com o distanciar da câmera dentro o plano sequência finaliza-se o plano geral onde a personagem está de costas em frente a um espelho de facas em sua sala de estar.

Ela está tentando disfarçar sua olheiras com maquiagem.

ROSA

É como diz aquela máxima:
a sabedoria envelhece a gente.

2 INT. SALA DE ESTAR/ESCRITÓRIO - DIA

ROSA está em pé em frente ao espelho de facas, seu rosto ainda não fora revelado por inteiro.

Ela vai para um birô que fica na sua sala de estar e juntos com outros móveis compõem um ambiente multifuncional.

Em cima do birô vemos o livro 'Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem' de Clarissa Pinkola Estés.

ROSA põe a mão na sobrancelha esquerda fazendo uma massagem ao redor do olho esquerdo, há um problema com seus olhos.

Faz ligeiramente um gesto em referência ao olho de Hórus.

Rosa pega um gravador aperta no botão 'rec' e começa a gravar suas memórias.

ROSA

Sábado, 09 de outubro de 1999,
hoje faleceu João Cabral de Melo Neto.

Será que um dia as artistas mulheres
serão tratadas com tanta destaque assim?

Memórias de Rosa Cedro:

De uns tempos para cá,
meu olho esquerdo vive remelando,
como se produzisse uma gosma branca;

uma nata que embaça
completamente minha visão;

e por mais que tente
não encontro explicação

para a origem dessa
secreção esbranquiçada.

Falta de higiene não é.

Uso água e papel higiênico
toda vez que vou ao sanitário,

logo em seguida lavo bem as mãos.

Tenho o hábito de limpar os
óculos regularmente.

Minhas toalhas de rosto estão
sempre bem cuidadas.

3 INT. CASA/SALA DE ESTAR - DIA

Entra na casa e passeia pela sala uma mulher aparentando 85 anos de idade. Ela tem cabelos branco amarelados, unhas sujas e malcuidadas.

Veste roupas que cobrem todo o seu corpo, lhe protegendo do sol e das vegetações espinhosas do sertão paraibano.

Carrega nas costas galhos secos amarrados por cordas e tiras de pano, caminha emitindo sons de animais.

Ela para em frente a ROSA tira suas sandálias de couro muito usadas, suas meias sujas de barro e

massageia seus pés.

Plano detalhe na sola dos pés descalços d'onde a velha retira uma fina camada de pele que estava descascando.

Toda a ação acontece ao longo da narração de ROSA em voz off.

ROSA (OFF)

Pó de giz?

Passei mais de vinte anos usando

no magistério,

mas há muito tempo não

toco num quadro negro.

E se fosse ter alguma doença

relativa àquela época

seria alguma fobia crônica.

Lecionar nos anos de chumbo...

Hum, só quem sobreviveu sabe.

E minhas próximas poesias?
Terei que ditar o que penso
e sinto para algum
estranho datilografar?
E mesmo que assim o fizesse,
daqui para a frente
falaria sobre o quê?
A escuridão fria da vida?
Ou de sua brancura incandescente?
Certa vez ouvi o relato
de uma pessoa que enxergava
e perdeu a visão:
ela dizia que na cegueira
não havia breu,
e sim uma luz forte, alva,
como uma lâmpada fluorescente.
Deve ser como um papel em branco
a espera d'um poema,

que nunca virá.
Os artistas plásticos
falariam assim.
Acho que qualquer poeta
falaria algo semelhante.

4 INT. SALA DE ESTAR/ESCRITÓRIO - DIA

ROSA

Está encostada, entre.

EUTÁLIA

Boa tarde, minha querida,
como estão às coisas?

ROSA

Hum... meio embaçadas.

EUTÁLIA

Já vi tudo.

No mínimo são problemas
com a edição dos livros.

ROSA

Chegue primeiro Eutália,
guarde suas coisas e
conversaremos com calma.

EUTÁLIA pendura a bolsa num cabideiro de madeira
e começa a tirar um dos sapatos que estão visual-
mente apertados, marcando seus pés.

EUTÁLIA

Nossa, até parece
que calcei um
par de navalhas.

ROSA

Não me diga

que saiu de casa
sem meias calça.

ROSA sussurra como quem vai contar um segredo:

ROSA

Vais ficar toda assada.

EUTÁLIA, levanta um pouco a barra da saia e puxa as meias das coxas, mostrando que está com meias calças. Tira o sapato do outro pé.

EUTÁLIA

São novos e

estão fazendo calos.

EUTÁLIA retira de sua bolsa um par de sapatos vermelhos feito de vários retalhos de tecidos costurados a mão, aparentemente muito confortáveis.

Ela observa uma estante, onde vemos um par de sapatos muito elegantes feitos em couro vermelho brilhante.

ROSA

Espere, não os calce agora.

Deixe-me ver seus pés.

EUTÁLIA se aproxima da nossa protagonista e lhe mostra os seus pés.

ROSA

Temos que cuidar disso menina.

EUTÁLIA

Nada, isso é bobagem.

ROSA

Nosso pés, são nosso quem guias.

Venha comigo.

EUTÁLIA deixa os sapatos vermelhos de tecido em cima de uma cadeira e segue ROSA até uma jardineira interna situado na sala de estar.

Vemos imensa janelas de vidro com uma grande cortina de um tecido, delicado e transparente em volta de toda a estrutura de vidro.

ROSA abre toda a cortina e uma luz natural invade todo o ambiente.

Várias plantas de uso medicinais estão no local plantadas em diversos vasos.

ROSA

Essa é a minha farmácia.

Pena que não tenho ada para os olhos.

Mas para feridas de pele sim.

Vamos tratar disso.]

ROSA pega um punhal afiando e se aproxima de um vaso com uma planta. Com o objeto cortante ele retira uma haste de babosa e entrega a sua visitante.

ROSA

Pegue segure-a para mim.

EUTÁLIA recebe e percebemos ela sentir o odor forte que exala da planta.

ROSA

Aguarde um pouco.

ROSA vai rapidamente a uma cristaleira e em cima dela encontra uma tigela de porcelana.

Percebemos nas mãos de EUTÁLIA a babosa vazando e um líquido espesso saindo dela e caindo ao chão.

EUTÁLIA

Ai, está derramando.

ROSA (VOZ OFF)

Passe no rosto, rápido.

Não desperdice.

EUTÁLIA

É muito fedido, não posso.

ROSA retorna para próximo de EUTÁLIA. E pega o pedaço da babosa de suas mãos.

ROSA

O que tem de fedido

tem de milagroso.

Mas ainda bem que

você não me ouviu.

Tem essa parte amarelada

que é a toxina da planta.

Não podemos usar na pele

esse líquido amarelo.

ROSA pega novamente o punhal e faz outro corte na babosa. Ela trouxe consigo um pano de prato.

Limpa a planta e corta uma parte e coloca dentro da tigela.

Vemos ROSA descascar todo o pedaço de babosa e aos poucos vai surgindo miolo da planta como uma massa transparente e húmida.

ROSA

Aloe vera.

A melhor amiga de uma mulher.

Hidrata toda a nossa pele.

Podemos passar no corpo todo.

EUTÁLIA

Descobri o segredo de sua jovialidade.

ROSA

Os egípcios usavam-na
há mais de dois mil anos.

ROSA senta-se num tamborete de madeira e puxa o pé de EUTÁLIA para seu colo.

Nossa protagonista passa o pedaço da babosa com delicadeza nos pés de EUTÁLIA, tudo o seu pé fica brilhando.

ROSA

Sente-se para não cair.

EUTÁLIA senta-se em outro tamborete de madeira.

EUTÁIA

Onde você aprendeu isso?

ROSA

Com a minha mãe.

Que por sua vez recebeu
o ensinamento de minha vó.

EUTÁLIA

É uma tradição de família?

ROSA

O uso da babosa?

Não. Você nunca ouviu falar

Dos benefícios da babosa?

EUTÁLIA

Não, senhora.

ROSA

Faz parte dos saberes sagrados femininos.

EUTÁLIA

Essa sabedoria nunca chegou a mim.

ROSA

Eu fico imaginado
quantas de nós morreram
queimadas em fogueiras
ao fazer um simples ato desses.

EUTÁLIA

Isso era tratado como bruxaria?

ROSA

Qualquer coisa que
nos afastasse da cultura
fálica e dominadora do homem,
era visto uma ato
de alta periculosidade.

EUTÁLIA

Quanta brutalidade
e ignorância.

ROSA

Quanta ganância
pelo poder.

EUTÁLIA

Nós temos algo que eles
nunca dominarão.
Nossa liberdade.

ROSA

Temos algo muito mais poderoso.
A passagem para a vida.
Ninguém vem ao mundo

sem ser por meio de uma mulher.

Nem mesmo os deuses deles.

EUTÁLIA

Está melhor.

Eu sinto um alívio,

Muito obrigada.

EUTÁLIA sai de perto de ROSA e vai até a mesa na sala, ela abre o pacote de margaridas que trouxe, ouvimos apenas o barulho do papel que enrolava as flores sendo desembrulhado.

Na sequência nossas protagonistas conversam silenciosamente entre si sobre o buquê: EUTÁLIA se aproxima de ROSA que sente o perfume e dá um leve sorriso de satisfação.

EUTÁLIA leva as flores para um vaso de vidro que está vazio à espera delas em cima de uma mesa tripé de madeira, forrado com um pano com bicos em crochê.

Ao lado da pequena mesa há um regador de ferro verde com água, que deixa EUTÁLIA com ares de admiração.

ROSA se aproxima e percebe que os bicos de croché do pano sobre a mesa estão dobrados. Ela os estica e reposiciona o vaso movendo-o alguns centímetros do lugar.

Ouvimos o barulho da água sendo despejada aos poucos dentro do vaso.

O reflexo da água vai surgindo no rosto de EUTÁLIA e ROSA.

ROSA

Não entendo por que
você se sacrifica tanto.

Não lhe pago nada,
e toda semana isso.

EUTÁLIA

Rosa, Rosa

já lhe expliquei
milhares de vezes que...

ROSA

Não me interrompa!
Principalmente neste tom,
como se eu fosse
uma desmiolada.

EUTÁLIA

Por que essa rispidez?

ROSA se levanta do birô vai até a parede onde
vemos uma pôster com a foto de Hilda Hilst.

ROSA fica na mesma posição da poetiza.

EUTÁLIA (OFF)

Vindo para cá,
sabe do que estava lembrando?

ROSA

Não tenho esse poder.

EUTÁLIA

Lembrava-me da senhora
entrando na sala de aula,
com as roupas de linho
bem passadas;
sapatos brilhando.

E os cabelos?
Sempre muito bem frisados.

ROSA

Eu estou cegando!

Um contra plongée mostra EUTÁLIA que desvia o assunto da cegueira e segue colocando as flores no vaso.

EUTÁLIA

Sempre quis que minha mãe
fosse como à senhora:
decidida,
letrada,
independente.

ROSA (OFF)

Por acaso tomou
água de chocalho?
Parece uma metralhadora
cuspindo palavras.
Acho que estou
perdendo a visão.

Há um profundo silêncio.

Uma das flores, que estava sendo arrumadas no vaso, cai ao chão.

Ouve-se o barulho do impacto causado pelo encontro da margarida com piso de madeira.

Vemos a mão de ROSA ligar o rádio.

Ouvimos o áudio de um programa de rádio falando da morte da líder sindicalista Margarida Maria Alves.

RÁDIO (VOZ OVER)

O caso da líder sindical

Margarida Maria Alves,

que fora brutalmente

assassinada na porta

de sua casa, no município

de Alagoa Grande,
situado no interior
da Paraíba, em
agosto de 1983,
ganha novas
repercussões.
Acredita-se que
depois de 16 anos
de sua morte,
os verdadeiros mandantes
de seu crime
continuam em liberdade.
Algumas instituições
estão decididas a
tocar o processo e
culpabilizar os autores
desse crime
que nem a Paraíba

nem o país esquecerá.

É caros ouvintes,

como dizia a nossa

saudosa Margarida:

“É melhor morre na luta

do que morre de fome”.

EUTÁLIA

Você acha que as coisas

vão melhorar mesmo?

ROSA

O que você

realmente espera?

EUTÁLIA

Eu espero que

parem de nos matar.

ROSA

O futuro, acredite,

será feminino.

Ninguém vai poder conter a

consciência de um povo.

EUTÁLIA

Será que o povo

está mais consciente?

ROSA

Você ouviu o rádio?

EUTÁLIA

Sim.

ROSA

A voz do povo

é a voz da rádio.

EUTÁLIA

Será mesmo ROSA?

ROSA

É mais fácil
queimar os livros e
os jornais de papel.
Censurar a televisão.
Mas o rádio sempre
será um veículo de
comunicação mais
seguro e eficiente para nós.
É ao vivo, é mais livre.
Uma pessoa pode
chegar dá uma notícia
e ela chegar ao conhecimento

do povo com mais velocidade.

Tem ideia de quantos
corações foram
acalantados com
essa notícia de agora?

CORTA PARA...

5 INT. SALA DE ESTAR - DIA

Câmera na mão close no rosto de EUTÁLIA, sorridente com algo que acaba de ver.

A câmera contorna o rosto de EUTÁLIA dando a volta pela cabeça da personagem e se torna quase subjetiva.

A câmera é apoiada no ombro da personagem até ela chegar a uma mesinha com um jogo de chá em cima de uma bandeja de prata fosca.

A câmera do ombro de Eutália, mostra um conjunto de chá de porcelana com duas xícaras, um vidro

com biscoitos e uma garrafa térmica que estão sobre a pequena mesa.

EUTÁLIA segura uma das xícaras e vemos em plano detalhe ela sentir nas pontas dos seus dedos a delicadeza do alto-relevo oriundos da pintura na porcelana.

EUTÁLIA a aproxima de seu rosto e sente textura lhe tocando a face.

A câmera sai do ombro de EUTÁLIA e volta para sua frente. Agora a vemos em primeiro plano.

EUTÁLIA

A água está quente?

ROSA fica um pouco desanimada.

EUTÁLIA continua decidida a fazer o que veio, uma visita.

ROSA triste, diz sim, com gestos em desencanto.

Em gestos EUTÁLIA oferece chá a ROSA, ela aceita.

EUTÁLIA vai até sua bolsa pendurada no cabideiro.

Nela encontra uma sacola de papel trás para a mesinha de chá e dela vai retirando os chás separados em pacotinhos de papel enrolado.

Ouve-se o som do desembulhar dos saquinhos.

EUTÁLIA

Trouxe-lhe ervas.

Carqueja?

ROSA

Não!

EUTÁLIA

Canela?

ROSA

Também não!

EUTÁLIA

Anis-estrelado?

ROSA

Hum, não.

EUTÁLIA

Camomila?

ROSA

Está, ótimo.

Não cura cegueira,
porém vai nos deixar

mais calmas,
enquanto você aceita
a novidade e, eu (pausa).
Bem, enquanto eu, penso,
como enxergarei a vida,
daqui para a frente!

EUTÁLIA tenta desviar o assunto.

EUTÁLIA

E a sua mãe ROSA?

Você disse
semana passada
que hoje
me falaria
algo sobre ela.

ROSA sorri.

ROSA

Verdade eu lembro disso.

Minha mãe.

Bem, minha mãe era
uma mulher forte.

Era costureira
daí você já sabe
que estamos tratando
de uma pessoa
com uma inteligência
acima da média.

EUTÁLIA

Verdade eu não consigo
pregar um botão.

ROSA

Nem eu, por isso decidi

ser professora.

EUTÁLIA

É mais fácil.

ROSA

A lembrança maior
que tenho de minha mãe
é quando eu ficava sentada
no chão do seu ateliê.
Os retalhos que caíam
perto de mim, eu pegava
e os transformava
em outras possibilidades
lúdicas.

EUTÁLIA

Que maravilha ROSA.

ROSA

Sim era eu e
minha irmã, FLOR.
Éramos muito unidas,
unha e carne
como minha mãe dizia.
Nós competíamos
para ver quem fazia
a melhor peça.

EUTÁLIA

E faziam o quê?

ROSA

Um pouco de tudo.
FLOR adorava fazer
capas para almofadas
e peças de fuxico,

chegava a
vender na feira.
Mamãe ficava super
orgulhosa da FLOR.

EUTÁLIA

E você?

ROSA

Eu fazia bonecas,
Mas ninguém as comprava.
Eram inspiradas nas
Personagens de
livros que eu lia.

EUTÁLIA

Fantástico.

ROSA

Eu vivia em meio aos
livros de poesia,
amava ler.
Sair do meu corpo
e encontrar com
o assombro humano.

EUTÁLIA

Ah, por isso uma
semana dessas
eu vi uma boneca de pano
por cima da sua
mesa de trabalho.
Então era obra sua
a confecção dela.

ROSA

Sim.

ROSA se levanta, vai até a estante, pega uma caixa de papelão coberta com papeis de presente.

ROSA põe a caixa em cima do birô abre a tampa e retira uma boneca de pano, agulhas com linhas estão enfiadas em seu peito.

ROSA

Veja, o que acha?

Observamos que EUTÁLIA toma um susto, e fica admirada por alguns instantes.

EUTÁLIA

Perfeita,

mas está careca.

ROSA

Vou prender-lhe

os cabelos.

ROSA começa a costurar cabelos feitos de fios sintéticos na boneca.

Percebemos que a boneca se assemelha muito com EUTÁLIA.

EUTÁLIA se afasta e vai para a próximo da mesinha de madeira, e fica a observar ROSA enquanto prepara o chá.

Vemos as mão de EUTÁLIA colocando uma peneira de metal sobre um xícara. Em seguida ela coloca folha na peneira e na sequência deseja a água fervente por cima, devagar, aos poucos, o vapor da água quente sobe acariciando o rosto de EUTÁLIA, até chegar as suas narinas, ela sorri com o aroma a descansar seu rosto.

6 INT. SALA DE ESTAR - DIA

ROSA enquanto costura a boneca, aperta o botão 'rec' do gravador. Por alguns instantes ouvimos o barulho do objeto eletrônico.

ROSA

Há tempos;

lembro-me que de
tanto ouvir problemas
com pais e alunos em casa,
dos colegas de ofício
que simplesmente sumiam
ou eram encontrados loucos
depois de torturados;
acordei um dia
completamente surda.

Na medida que prepara o chá, EUTÁLIA fica mais atenta a tudo que ROSA diz ao gravador. Sons de ambiência do manusear das porcelanas.

ROSA

Saí atônita pela vizinhança
vendo as pessoas falando
como bonecos sem ventríloquos.

Mexendo e remexendo as bocas
sem sentido algum.

Som nenhum saía delas.

Uma manhã assustadora,
porém, repleta de paz.

Acredito que foi
uma surdez psicológica.

Durou só uma manhã.

Enquanto se ouve o silêncio, vemos a costura em
primeiro plano da boneca como um balé de mãos,
linhas e tecidos.

EUTÁLIA

Talvez esta
sua dificuldade
para enxergar
esteja ligada
ao emocional.

ROSA

Ah, finalmente
resolveu me ouvir.

EUTÁLIA sorri, lhe entregando uma xícara com chá
em cima de um pires com uma colher pequena ao
lado.

ROSA

Pode ser Eutália.
Ando muito ansiosa
querendo ver as artes
das capas dos livros,

as revisões de textos.

Tudo isso pode estar
me afetando emocionalmente.

EUTÁLIA

Ceguidade psicológica.

ROSA

Nunca ouvi falar.

EUTÁLIA

Poderíamos procurar
ajuda de algum
especialista.

ROSA

Utilizei as minhas reservas
nesses últimos livros.

Só tenho a aposentadoria.
Consulta médica é dinheiro,
sem falar nos colírios,
remédios e tratamentos.
Enxergar por aqui
custa os olhos da cara.
Se for para o SUS,
nem quero imaginar.

EUTÁLIA

Existem excelentes
profissionais na área.
Talvez um deles
seja até um ex-aluno seu.
Não lhe cobraria nada,
tenho certeza.

Rosa ignora o conselho o seu objetivo e foco principal é editar os livros.

ROSA

O melhor a fazer
é aproveitar o tempo
que me resta enxergando.
Revisar meus textos,
aprimorar alguns poemas
e juntar um pouco
mais de material.]

EUTÁLIA mostra-se satisfeita com a ideia.

EUTÁLIA

Posso ajudá-la.

Ouvimos o barulho da xícara, pires e colher de
chá sendo abandonados na mesa sem muito cuidado.

ROSA

Meus alfarrábios!

7 INT. SALA DE ESTAR - DIA

ROSA calça uma luva na cor nude e abre uma gaveta, nela encontram-se muitas chaves misturadas com sangue.

ROSA amarra um lenço azul em seu rosto, na altura do nariz, para diminuir o mau cheiro.

Com cuidado e delicadeza tenta encontrar uma das chaves.

Ouve-se o barulho que as chaves provocam sendo tocadas.

Ao retirar a mão com uma chave sua luva é vermelha e adornada com delicados bordados de renda e duas fitas finas na cor vinho dependuradas contendo em suas pontas cortes de couro carmim no formato de folhas.

Ela abre um baú de madeira e retira duas pastas de papelão contendo poemas escritos em alfabeto

cursivo e separados por cliques enferrujados.

Toda a ambiência, destas ações são evidenciadas pelo som.

ROSA entrega uma das pastas de papelão a EUTÁLIA.

ROSA

Vamos ler juntas

e ver se aproveitamos algum.

ROSA pega um dos manuscritos e com ar de satisfação entrega a EUTÁLIA.

EUTÁLIA

Olho no olho. Posso?

ROSA faz um sinal afirmativo com as mãos para que ela prossiga. EUTÁLIA começa então uma leitura branca.

EUTÁLIA

olho no teu olho
consigo te ver ou te ver consigo
meu olho dentro do teu olho meu
olhar o meu próprio olhar
vejo a verdade e não sei se de verdade a vejo
olhar o meu próprio olhar
meu olho dentro do teu olho meu
consigo te ver ao te ver consigo
olho no teu olho

ROSA

Gosto deste, separe-o.
Escolha um de sua pasta.
EUTÁLIA mexe na pasta e pega um dos poemas.

EUTÁLIA

'Anjo sem asas'.

EUTÁLIA lê em silêncio o poema, pausa, fica pensativa. Ela aumenta o som de sua respiração.

ROSA

Não gostou?

EUTÁLIA quase que num surto, vai mudando seu semblante como se fosse outra pessoa.

EUTÁLIA

Lembrei-me de minha mãe:

um anjo sem asas.

EUTÁLIA grita brava com Rosa.

EUTÁLIA

Sem asas, sem auréola, sem nada.

CORTA PARA...

ATO II - LÍGIA

8 INT. MATADOURO - DIA

Performance de Eutália com uma faca a cortar pedaços de carne num matadouro.

EUTÁLIA (OFF)

Eu sentia tanta raiva dela;
apenas saí do seu ventre,
não havia compromisso
maior entre nós duas,
nada, nem um carinho,
por menor que fosse.
Ignorante, demente,
morreu por causa de um
sentimento doente que tinha.
Eu poderia ter lhe dado
todo o amor do mundo;
quantas e quantas vezes
tive as minhas mãos,
afastadas de seu rosto.

A performance é encerrada com a voz off de ROSA.

ROSA (OFF)

Não se deixe
amargurar mais menina.

CORTA PARA...

9 INT. SALA DE ESTAR - DIA

Vemos as mãos de ROSA pegar uma garrafa de licor.

Ainda em primeiro plano, abre a garrafa, sente o cheiro do líquido amarelado e leitoso.

Apenas vê-se o nariz exalando o cheiro que sai da garrafa.

A mesma mão que pegou a garrafa, em primeiro plano também, oferece a um copo de licor a EUTÁLIA que respirando com mais calma, aceita com um

sorriso discreto.

Por trás de ROSA, vemos algumas mulheres surgirem na cena elas usam máscaras de tecido.

ROSA serve a bebida em duas taças pequenas e delicadas, as duas brindam.

EUTÁLIA enxuga o suor de seu rosto com a barra da saia.

As mulheres juntas fazem uma performance pela sala enquanto nossas protagonistas tomam a dose com muita calma e delicadeza.

Percebemos que as mulheres são bailarinas e trizes com seus movimentos corporais.

As máscaras de tecido são uma clara referência as máscaras sensoriais de Lygia Clark.

A câmera mostra ROSA e EUTÁLIA usando as máscaras

ras sensoriais também.

EUTÁLIA sente dificuldade para beber com a máscara. ROSA a ajuda levantando a máscara.

ROSA

Um brinde ao corpo, que é a casa.

As mulheres gritam juntas:

MULHERES

A casa é o corpo.

O grupo de mulheres saem da sala elas deixam as máscaras caírem.

ROSA pega uma caixinha transparente contendo uma agulha de vitrola, vai até a vitrola e a coloca devagar com sua dificuldade para enxergar, começa

a escolher discos de vinil.

EUTÁLIA

Algo animado.

As duas escutam uma música instrumental brasileira.

ROSA

Vamos... nos... embriagar.

ROSA pega na parte de baixo da mesinha que contém o material do chá, um litro de vodca, e serve duas doses em outros dois copos.

ROSA bebe um copo em uma só golada, em seguida oferece uma dose a EUTÁLIA.

EUTÁLIA

Não posso!

ROSA

Não pode ou não quer?

Rosa mostra o copo novamente e toma mais duas doses seguidas de vodca.

ROSA

Permita-se a este prazer.

EUTÁLIA

Não é nada disso,
até preciso sair da linha.

ROSA

Então!

EUTÁLIA

A mesa,
eu não consigo.

ROSA

Ah, havia esquecido.
Sempre quis lhe perguntar,
mas não és obrigada
a responder.

EUTÁLIA em gestos permite a pergunta e toma uma dose de vodca em um único gole.

ROSA

Por que tu não consegues
ficar à mesa?

EUTÁLIA

Há anos, faço minhas
refeições em qualquer lugar
que não seja uma mesa.
Nunca aceito convites

para ir a restaurantes.

Digo a todos que tenho

uma dieta regrada,

por causa das

crises alérgicas.

ROSA

Por que isso?

EUTÁLIA suspira por duas vezes tomando fôlego, ROSA percebe que seria difícil para ela responder.

O som indica que outra dose está sendo servida. EUTÁLIA aceita e vira o copo.

ROSA

Se não quiser responder

eu entendo.

Saúde. Tim, tim!

ROSA volta sua atenção para a pasta de papelão sobre sua mesa, respira fundo e solta o ar devagar durante sua próxima fala.

O som destaca essa sua respiração.

ROSA

Há anos não leio
esses manuscritos.

ATO III - TARSILA

10 INT. SALA DE ESTAR - DIA

A câmera revela ao espectador o título do manuscrito descrito na capa da pasta: 'Azuis alaranjados'.

Nesta sequência as duas, levemente embriagadas, começam a falar sozinhas, cada uma com sua lembrança, num processo de expurgação ou exorcismo particular dividido entre elas e o espectador.

Não há diálogo direto entre as duas personagens.

Elas estão em transe e se comportam como contadoras de histórias.

EUTÁLIA pega a boneca de pano que ROSA costurava e começa a conversar com o objeto.

EUTÁLIA

A maioria do tempo que passava

ao lado de minha mãe,
era na cozinha e ela
nunca permitia que eu
levantasse a cabeça
para lhe olhar nos olhos.
Eu ficava a manhã inteira
na mesa da cozinha,
com meus cadernos e livros
ou fazendo caligrafia,
estudando a tabuada,
enquanto ela
preparava o almoço.

ROSA pega um leque e começa a abanar-se com calor.

Ela usa o leque como meia máscara revelando apenas os olhos mostrados agora em primeiro plano.

ROSA

A casa poderia estar

cheia de netos hoje,

mas a ideia

de ter uma família

sempre me assustou.

Preferi não ter

aquela criança.

Perder as curvas

de meu corpo?

Eu?

Encher meus

peitos de leite?

E depois de sugado

tudo ficar caído.

Eu amo os meus seios,

eles são meus.

EUTÁLIA sussurra falando baixo com a boneca, como se alguém estivesse presente e pudessem ouvi-las.

EUTÁLIA

As mãos dela tremem
por causa dos remédios
controlados.
Mãos calejadas,
dedos fininhos,
com unhas cheias de fungos.
Nunca as vi pintadas.

ROSA se abana mais um pouco com o leque, em seguida começa a desabotoar sua blusa, ela vai tirando-a sem pressa até ficar só de sutiã enquanto fala.

ROSA

Uma colega de trabalho

na época,
dizia que eu seria
amaldiçoada em minha velhice.

Mania que as pessoas
têm de nos ameaçar
sobrenaturalmente.

É uma forma delas
nos imporem suas vontades
baseadas em suas crenças
mediócras acerca e da vida.

EUTÁLIA vai perdendo o interesse pela boneca e a
deixa de lado.

EUTÁLIA

Mãos que nunca
pentearam meus cabelos,
mas que me batiam na boca,
sempre que quis falar

alguma coisa que
a contrariasse.
Gotas de lágrimas
caíam na mesa:
entre o vai e vem
delas na limpeza
do feijão nosso de cada dia.
Adia, por um só dia, adia.

ROSA

Bem, a vida é feita
de escolhas.
Eu escolhi estar assim hoje,
foi tudo muito
bem planejado.
Será que meu problema
de visão começou
mesmo a agora?

ROSA e EUTÁLIA saem do transe, as duas voltam a falar entre si.

EUTÁLIA

Acho lindos os seus seios.

Então você foi casada?

ROSA responde num tom irônico e debochado.

ROSA

Quase! Queres ouvir

uma grande história de amor?

EUTÁLIA mostra o copo pedindo mais uma dose de vodca. ROSA enche o copo das duas.

ROSA

Era uma tarde agradável quando conheci...

EUTÁLIA

Não!

Eu não quero ouvir
uma história de amor
ou de desamor.

Não quero.

Odeio histórias de amor.
Detesto essas baboseiras
que só serviram para vender
histórias ocidentais.

11 EXT. TERRENO DESCAMPADO - DIA

Performance de ROSA está enterrada na altura do estômago com os braços presos para baixo da terra como se fora condenada a ser apedrejada.

Na sua frente, no solo, há um coração sem pulsar um pouco sujo de sangue.

EUTÁLIA aparece, rasga a barra de suas anáguas e

com o pedaço do tecido embrulha o coração.

EUTÁLIA com suas mãos começa a desenterrar ROSA.

Aflita vemos lágrimas no rosto de EUTÁLIA.

ROSA corajosa encara seu destino sem temer os possíveis desfechos.

EUTÁLIA consegue desenterrar um dos braços de ROSA.

ROSA pega o coração e tenta protegê-lo aproximando-o do peito.

Aparecem sombras de outras pessoas.

Folhas de papéis amassados são jogadas nas duas nesse momento.

Há um fade out seguido de aumento do som dos

papéis amassados sendo arremessados contra as personagens.

FADE OUT...

12 INT. SALA DE ESTAR - DIA

Fede in lento, a imagem vai aparecendo sem nitidez, um pouco escura. Elas se servem mais de vodca. EUTÁLIA acaricia a cabeça de ROSA com grande ternura.

EUTÁLIA

Eu deveria ter
lhe escutado.

ROSA

O que você pensa
que está fazendo?

ROSA afasta as mãos de EUTÁLIA.

ROSA

É pena, que estás
sentindo por mim?

EUTÁLIA

Jamais, apenas quis
suavizar um pouco
sua angústia.

Não posso fraquejar
com a você:
devo isso
a mim mesma.

Fede in se completa, a imagem está nítida ao espectador. Câmera na mão tenta acompanhar o diálogo frenético das duas.

ROSA

Até agora a pouco
você estava fingendo

que não me ouvia.
Pensa que sou tonta?
Por acaso achas
que não percebi
que você tem medo
de ficar cuidando
de uma velha cega.

EUTÁLIA

Você é a mãe
que eu nunca
pude ter.

ROSA

Por isso mesmo.
Ninguém quer uma
falsa mãe dependente.

EUTÁLIA

Isso não faz sentido,
eu nem cuido da você.
Pena? Pelo contrário,
sinto orgulho,
és a mulher em
que me espelho.

ROSA

Eu sou a mentira
que você escolheu
para suportar
a sua vidinha
de merda.

EUTÁLIA toma um susto com a frase e grita:

EUTÁLIA

Ingrata!

OSA

Sua mãe não
merecia ter uma
filha como você.
Deveria ter
se livrado de você,
como eu fiz com a minha.

EUTÁLIA

Ela não me teve.
Todas as miseráveis
noites de minha vida,
eu era despida e violentada.
Ela sempre fingiu
não ouvir,
não ver nada,
ela nunca fez nada
para impedir aquilo.

ROSA corre e abraça EUTÁLIA.

As duas se sentam abraçadas no chão da sala.

EUTÁLIA deita-se no colo de ROSA.

A câmera pega ROSA em contra-plongée.

ROSA coloca as mão em seu queixo e olha para EUTÁLIA. A outra mão fica próxima ao seu próprio pé.

Forma-se um quadro como o Abaporu de Tarsila do Amaral.

13 INT. SALA DE ESTAR - DIA

A câmera agora está em zenital onde vemos ROSA e EUTÁLIA ainda estão posicionadas.

Uma grande poça de sangue invadir toda a sala de estar, até passar pelas personagens. Um poema é

recitado por ROSA em voz off.

ROSA (OFF)

O que mais temo
é não estar por perto
quando você precisar.

Pior ainda
ficar ao teu lado
e nada poder fazer.

Na verdade,
estamos todas presas
dentro desta imensidão azul,
sem podermos dar um passo sequer.

Tudo está sendo desperdiçado,

agora

neste exato momento
como plumas soltas nas brisas.

Sem tempo para nada

devemos seguir em frente
não há outro jeito
nem rima alguma.

FIM